

Os reflexos da modernidade líquida no conto “O ex-mágico da taberna Minhota”, de Murilo Rubião (1947)

*The reflections of liquid modernity in the short story
“O ex-mágico da taberna Minhota” by Murilo Rubião (1947)*

DENISE CARDOSO GÓIS

Discente de Letras - Licenciatura em Português (UESPI)

E-mail: denisegois@aluno.uespi.br

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar o protagonista do conto “O ex-mágico da taberna Minhota”, de Murilo Rubião (1947), no contexto da Modernidade Líquida, conceito de Zygmunt Bauman, ao explicar as mudanças socioculturais, políticas e econômicas que transformam os indivíduos em seres cada vez mais individualizados, angustiados e com crises identitárias. Como suporte teórico, a pesquisa está fundamentada em torno dos estudos de Anthony Giddens (1991) e David Harvey (2006), que escrevem sobre Modernidade; Zygmunt Bauman (2001), que trata do conceito de Modernidade Líquida, e Stuart Hall (1992), que discute questões de identidade. Na pesquisa, verificou-se que a angústia, as relações de trabalho frágeis e precárias e as sensações de deslocamento são traços da narrativa que indicam elementos do ambiente líquido moderno. Nesse contexto de mudanças, a instabilidade afeta diretamente o indivíduo, e a produção de Murilo Rubião surge como via de reflexão acerca desses aspectos da sociedade contemporânea, estabelecendo ligação entre o literário e o social.

Palavras-chave: Murilo Rubião; modernidade; modernidade líquida.

Abstract: This article aims to analyze the protagonist of the short story “O ex-mágico da taberna Minhota”, by Murilo Rubião (1947) in the context of Liquid Modernity, a concept introduced by Zygmunt Bauman to explain the sociocultural, political, and economic changes that transform individuals into increasingly individualized, anxious, and identity-crisis-ridden beings. The theoretical framework of this research is based on the studies of Anthony Giddens (1991) and David Harvey (2006) on Modernity, Zygmunt Bauman (2001) on the concept of Liquid Modernity, and Stuart Hall (1992) on identity issues. The research reveals that anguish, fragile and precarious work relations, and feelings of displacement are narrative elements that indicate aspects of the liquid modern environment. In this context of change, instability directly affects the individual, and Murilo Rubião’s work serves as a reflection on these aspects of contemporary society, establishing a connection between the literary and the social.

Keywords: Murilo Rubião; modernity; liquid modernity.

1 INTRODUÇÃO

A partir da publicação de seu primeiro livro, *Ex-mágico*, em 1947, Murilo Rubião (1916-1991) entrou em uma posição até então inédita no campo literário nacional, não apenas por sua originalidade temática, enquanto iniciador do modo fantástico como estrutura de suas obras, mas também pelo caráter de sua escrita singular (aspectos

temáticos, epígrafes bíblicas, gesto de reescrita). Seu projeto literário demonstra também suas concepções ideológicas e apresenta um autor sensível à conjuntura moderna instaurada e à difícil relação do indivíduo com o meio, expressa nas inadequações às restrições impostas pela sociedade.

Ancorado nessa premissa dialética, o presente trabalho pretende examinar se há características da “Modernidade líquida”, conceito de Zygmunt Bauman, no conto “O ex-mágico da taberna Minhota”. A partir da discussão teórica, pretende-se identificar se as relações sociais e as angústias do mágico derivam da sua existência em um ambiente líquido moderno alicerçado na efemeridade, em inconstâncias, racionalidade e organização, onde não há espaço para a imaginação criativa.

A primeira seção busca expressar como a modernidade se instaurou no panorama mundial, levando em consideração que suas características, no tocante à busca pelo progresso humano pautado na razão e no progresso humano em oposição à irracionalidade, a religião, as crenças e os mitos, tiveram seus pontos negativos, com contribuições de Anthony Giddens (1991) e David Harvey (2006). A subseção 2.2 aborda as consequências do mundo globalizado atreladas à questão da hegemonia do capitalismo, tendo como base para discussão o livro *Modernidade líquida*, de Zygmunt Bauman (2001), cujos conceitos abordam a configuração social presente e as consequências de viver em um mundo globalizado, bem como as influências na construção da identidade, descritas por Stuart Hall (2005).

Na seção 3.1 há uma breve descrição da vida e obra de Murilo Rubião e do seu estilo literário, que pode ser observado como parte do seu processo criativo. São utilizados estudos teóricos e críticos que formam a fortuna crítica do autor para esta pesquisa, entre eles Davi Arrigucci Jr. (1987) Jorge Schwartz (1981) e Suzana Cánovas (2003). Na subseção 3.2, a análise da estrutura do conto é apresentada com base nas categorias presentes na narrativa. A subseção 3.3 é o espaço onde a análise dos conceitos de Bauman (2001) são correlacionados com o personagem do conto “O ex mágico da taberna Minhota”, a fim de investigar como ocorre a relação do personagem com a crise da modernidade, os problemas de identidade e seus desdobramentos.

Nesse sentido, a pesquisa contém caráter qualitativo, de modo que alguns conceitos, como o de modernidade líquida, entram em jogo com os aspectos narrativos do conto, bem como seus contornos sociais, na leitura de como o protagonista entra em conflito e precisa refletir para tomar posição em meio às problemáticas modernas.

2 O ADVENTO DA MODERNIDADE E O CONCEITO DE MODERNIDADE LÍQUIDA

Observar como a modernidade se configurou é um ponto necessário para compreender a atual crise e a forma como as relações humanas constituem-se. Logo, no tópico 2.1 são apontadas discussões teóricas acerca do período conhecido como Modernidade; e, no tópico 2.2, as discussões sobre a configuração do conceito de Modernidade Líquida, de Zygmunt Bauman, e seus desdobramentos na questão da identidade do sujeito (HALL, 2005).

2.1 O ADVENTO DA MODERNIDADE

Inicialmente, o moderno era representado pela dissolução de antigas estruturas e valores nos quais a sociedade se sustentava, de modo que era necessário destituir-se de dogmas religiosos e adotar novas formas de viver apoiando-se na razão. Anthony Giddens (1991, p. 111) vê a modernidade como “estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVIII e que posteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência”.

Desde o Renascimento, passando pelas duas revoluções, Francesa e Industrial, e pelo Iluminismo, a sociedade recebeu mudanças radicais. Os ideais de progresso iluministas fundamentados por concepções filosóficas, políticas e ideológicas colaboraram para a construção de uma visão de mundo alicerçada na razão e em busca da emancipação humana, na qual o esforço intelectual foi revertido para a construção de uma ciência objetiva em nome da libertação das crenças e dos mitos, com o propósito de libertação, esclarecimento e autonomia (HARVEY, 2006), fundamentos que contribuíram para um período de grandes transformações urbanas, tecnológicas e culturais.

David Harvey (2006), em seu livro *Condição pós-moderna*, discorre sobre o surgimento da ideia de modernidade a partir do Iluminismo:

Na medida em que ele saudou a criatividade humana, a descoberta científica e a busca da excelência individual, em nome do progresso humano, os pensadores iluministas acolheram o turbilhão de mudanças e viram a transitoriedade, o fugidio e o fragmentário como condição necessária, por meio da qual o projeto modernizado poderia ser realizado (HARVEY, 2006, p. 23).

De certa forma, não houve compatibilidade entre progresso e ética, e assim o projeto evidencia suas facetas obscuras. Dessa forma, “o projeto do Iluminismo estava fadado a voltar-se contra si mesmo e transformar a busca pela emancipação humana num sistema de opressão universal” (HARVEY, 2006, p. 23). Isso porque “seus campos de concentração e esquadrões da morte, seu militarismo e duas guerras mundiais” (HARVEY, 2006, p. 23) resultaram na perda da fé nos princípios do projeto iluminista e suas consequências instauraram uma crise na sociedade, devido às mudanças frenéticas. Dessa forma, a ética, prezada pela modernidade, foi deixada de lado, o que teve como consequência uma nova realidade, marcada pela incerteza, contrária aos ideais modernos que tinham seus lugares, objetivos e parâmetros nítidos.

Com os antigos valores e formas sociais modificados, Giddens (1991, p. 13) observa que “estamos alcançando um período em que as consequências da Modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes” e essa transformação que é tradicionalmente apresentada como pós-modernidade¹ seria o

¹ Com relação ao termo pós-modernidade, Harvey associa o pós-moderno com as alterações profundas nas práticas culturais, sociais, políticas e econômicas e generalizações de novas práticas e modos de vida datando do período de 1972. Porém, como cita o autor, “a

resultado dos efeitos hiperampliados da condição moderna (GIDDENS, 1991). A partir do século XX, a humanidade foi receptora de desenvolvimentos ininterruptos como “as máquinas, os novos sistemas de transporte e comunicação, os arranha-céus, as pontes e as maravilhas de todo tipo da engenharia, bem como a instabilidade e insegurança incríveis que acompanharam a rápida inovação e mudança social” (HARVEY, 2006, p. 35), aliados ao enfraquecimento de ideologias que regiam a sociedade desde o início da era moderna, o que gerou crises de identidade que alteraram o mapa social das nações.

2.2 A MODERNIDADE LÍQUIDA E SUAS IMPLICAÇÕES NA QUESTÃO DA IDENTIDADE

A nova realidade gerada pela pós-modernidade provocou desgastes e desejos insaciáveis, em que a máxima é o consumo, e a mercadoria passa a gerenciar os desejos e ações dos indivíduos. Além disso, o condicionamento dos sujeitos passa pela dominação ideológica, de modo que esse processo ocorre de forma naturalizada e alienante, que, para além dos reflexos na vida, gera problemas nas vidas privadas e nas relações humanas.

Zygmunt Bauman (1925-2017) foi um sociólogo sensível às transformações sociais provocadas pela Modernidade e preocupou-se em teorizar sobre esses novos tempos. O autor cunhou a expressão *modernidade líquida* para designar a continuidade da modernidade e o modo como as problemáticas geradas por ela foram acentuadas. Para o autor, enquanto os valores que regiam a vida antiga eram sólidos e organizados, “eles agora são maleáveis a um ponto que as gerações passadas não experimentaram e nem poderiam imaginar, mas, como todos os fluidos, eles não mantêm a forma por muito tempo” (BAUMAN, 2001, p. 12). Nessa perspectiva, Bauman explica que a liquidez não seria uma escolha, mas um estado social, e a metáfora dos líquidos representa a rejeição da rigidez da época denominada de modernidade sólida, que representa um tempo em que instituições e modos de vida eram duradouros,

transitoriedade das coisas dificulta a preservação de todo sentido de continuidade histórica” (HARVEY, 2006, p. 22). A partir disso, surge a questão da visão do autor acerca da utilização do pós-moderno como continuidade ou ruptura da modernidade. Tendo em vista a complexidade sobre o tema, o autor conclui que “há mais continuidade do que diferença entre a ampla história do modernismo e movimento denominado pós-modernismo. Parece-me mais sensível ver este último como um tipo particular de crise do primeiro, uma crise que enfatiza o lado fragmentário, efêmero e caótico” (HARVEY, 2006, p. 111). Giddens (1991) também analisa a questão por um ponto de vista semelhante à visão de Harvey, mas opta pelo termo “Modernidade Tardia” para se referir à era como um processo de continuação da modernidade, pois “as disjunções que tomaram lugar devem, ao contrário, ser vistas como resultantes da auto-elucidação do pensamento moderno, conforme os remanescentes da tradição e das perspectivas providenciais são descartados. Nós não nos deslocamos para além da modernidade, porém, estamos vivendo precisamente através de uma fase de sua radicalização (GIDDENS, 1991, p. 56-57). Por fim, Bauman (2001) utiliza o termo “Modernidade Líquida” a fim de captar a natureza do estágio pós-moderno como período radicalizado e fluido, onde seus efeitos se tornam mais evidentes. Assim os teóricos estudados aqui concordam que o que se convencionou chamar pós-modernidade não configura substituição ou encerramento da Modernidade, mas sim um período de continuidade ou mudança em curso.

organizados e não tinham espaço para mudanças. A sociedade agora é fluida e desapegada de compromissos sociais, e as relações estão cada vez mais superficiais.

Para Bauman (2001), as inúmeras esferas da sociedade contemporânea (vida pública, vida privada e relacionamentos humanos) passam por transformações com consequências no tecido social. A partir desses processos surgem os temores e inquietações, pois o indivíduo deve acompanhar a aceleração e a capacidade de ser tão líquido quanto o meio.

Um dos principais fatores que contribuem para a manutenção das incertezas dentro da modernidade líquida, segundo Bauman, é o processo de “individualização”, que “consiste em transformar a ‘identidade’ humana de um ‘dado’ em uma ‘tarefa’ e encarregar os atores da responsabilidade de realizar essa tarefa e das consequências (assim como dos efeitos colaterais) de sua realização” (BAUMAN, 2001, p. 33). Em outras palavras, o indivíduo, agora livre das prisões da modernidade sólida, vive baseado em seus interesses próprios, consequência da troca da segurança da vida moderna, na qual o homem seguia normas preestabelecidas, pela liberdade de escolha. Porém, esta torna-se uma ilusão, uma vez que a responsabilidade da construção do destino é própria de cada indivíduo, bem como todas as consequências tornam-se individuais.

Nesse sentido, a preocupação em traçar um limite alinhado à ética e aos valores da modernidade sólida foi esquecida. Nesse contexto, os fins justificam os meios. Esse mecanismo abriu espaço para a exploração do homem e da natureza, pois “são os homens e mulheres individuais que a suas próprias custas deverão usar, individualmente, seu próprio juízo, recursos e indústria para elevar-se a uma condição satisfatória e deixar para trás qualquer aspecto de sua condição presente” (BAUMAN, 2001, p. 127). Assim, o indivíduo perdeu qualquer percepção de solidariedade em prol de uma satisfação interna relacionada ao progresso individual, ambiente vantajoso para as forças dominantes, bem como a facilidade de exploração.

Outra importante visão de Bauman é a dinâmica do trabalho na modernidade líquida, antes vista como benéfica para a eliminação da pobreza, pautada em um esforço coletivo para a construção e manutenção da ordem, mas que foi modificada, alcançando “significação principalmente estética [...], de modo que a pessoa é medida e avaliada por sua capacidade de entreter e alegrar, satisfazendo não tanto a vocação ética do produtor e criador quanto às necessidades e desejos estéticos do consumidor, que procura sensações e coleciona experiências” (BAUMAN, 2001, p. 131-132). Assim, o trabalho que, antes era considerado uma tarefa nobre, que engrandecia o homem e fortificava a sociedade no geral, agora é mais uma maneira de satisfazer as necessidades consumistas.

As contribuições do sociólogo ajudaram a observar e entender as influências do fenômeno da pós-modernidade, definida como modernidade líquida, diante de suas características fluidas e voláteis a respeito das estruturas que ordenam o social e a subjetividade humana em decorrência da dinâmica hodierna.

Nesse mundo de incertezas, o processo de identificação traduz uma complexa experiência em que nada é permanente. Por esse viés, no contexto do pós-modernismo, Stuart Hall (2005), em seu livro *Identidade cultural na pós-modernidade*, estabelece três concepções de identidades do sujeito ao longo da história: o sujeito iluminista, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno.

A primeira está baseada na formulação de um indivíduo centrado, unificado, racional e contínuo, em que “o centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa” (HALL, 2005, p. 11) e que acompanhava até sua morte; o indivíduo tinha sua identidade assegurada e permanente, não havia espaço para fragmentação.

A segunda concepção diz respeito ao sujeito sociológico, que, por sua vez, representa um momento de transição, a partir das demandas modernas, e simboliza um sujeito não mais unificado, que começa a receber influências do meio, ou seja, “a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade” (HALL, 2005, p. 11). O sujeito sociológico internaliza influências exteriores e as incorpora como parte da identidade, porém as mantém sob controle.

A última concepção se refere ao sujeito pós-moderno, “composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (HALL, 2005, p. 12). Nessa perspectiva, a identidade, de acordo com os valores e estruturas que regem a sociedade como um todo, também foi afetada pelos efeitos da modernidade líquida, de modo que “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente” (HALL, 2005, p. 13). Com isso, o indivíduo escolhe a identidade que melhor convém em determinados momentos, sendo assim volátil e instável.

Nessa perspectiva, a construção da identidade é resultante de séries de identificações que o sujeito tem com o meio heterogêneo ao passar pelas etapas da vida, em relação às vivências subjetivas a partir do contato com a família, religião, escola, trabalho etc. Sobre essas questões, Hall expõe que “a identidade não surge da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais podemos ser vistos por outros” (HALL, 2005, p. 40). Desse modo, a constituição do sujeito pós-moderno está intrínseca ao momento presente, de mudanças e de transformações constantes e aceleradas que operam diretamente nas identidades de indivíduos inseridos na sociedade e envolvidos nas relações e práticas sociais.

Diagnosticar o cenário da modernidade líquida, que envolve o sujeito social e a questão das identidades pós-modernas, é fundamental para compreender as transformações sociais e os seus efeitos na literatura, a exemplo do conto “O ex-mágico da taberna Minhota”, objeto de estudo deste trabalho. Após o esclarecimento dessas questões, a exposição analítica do conto será encaminhada a partir da vida e obra do autor e, posteriormente, com a análise estrutural da obra e articulação com as teorias expostas sobre a Modernidade Líquida.

3 OS REFLEXOS DA MODERNIDADE LÍQUIDA NO “EX-MÁGICO DA TABERNA MINHOTA”

Nesta seção, é feita a análise do conto “O ex-mágico da taberna Minhota”, ancorada nos conceitos teóricos citados anteriormente. A estrutura segue a partir da apresentação de vida e obra do autor Murilo Rubião (1916-1991), no tópico 3.1; no tópico 3.2, é feita a análise do conto a partir das estruturas da narrativa; e, no tópico 3.3, é produzida a análise do conto a partir da aplicação dos conceitos de modernidade líquida

dentro do conto, para verificar como ocorre o encaixe do mágico num mundo líquido moderno.

3.1 MURILO RUBIÃO (1916-1991): VIDA E OBRA

O jornalista e contista Murilo Eugênio Rubião nasceu em 1916 na cidade de Silvestre de Ferraz, hoje Carmo de Minas, Minas Gerais. Concluiu o Bacharelado em Humanidades em Belo Horizonte e, em 1942, na mesma cidade, formou-se em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais. Iniciou carreira jornalística como repórter no jornal *Folha de Minas* em 1939. Trabalhou como oficial do gabinete do interventor do Estado e posteriormente passou de oficial a chefe do gabinete do governador Juscelino Kubitschek. Entre um trabalho burocrático e outro, Murilo escrevia seus contos².

Rubião iniciou sua carreira literária com a publicação do livro *O ex-mágico* (1947), seguido de *A estrela vermelha* (1953), *O convidado* (1974), *Os dragões e outros contos* (1974), *O pirotécnico Zacarias* (1974), *A casa do girassol vermelho* (1978) e *O homem de boné cinzento e outras histórias* (1990)³. As produções literárias foram classificadas como literatura fantástica, gênero atípico em relação ao que estava no auge na década de 40.

Marisa M. Gama-Khalil, Maria José Simões e Adelaide C. César, na obra reunida a partir de artigos sobre a produção de Murilo, “O pirotécnico Murilo Rubião” (2018), escrevem:

De todas as atividades exercidas por Murilo Rubião, foi o ofício literário que o projetou como um dos maiores escritores do século XX na América Latina. Murilo Rubião pode ser considerado precursor da tradição do insólito não só em terras brasileiras, como também merece reconhecimento como instigador da obra de escritores responsáveis pelo *boom* da Literatura Latino Americana (GAMA-KHALIL; SIMÕES; CÉZAR, 2018, p. 6).

O grau de novidade atribuído à escrita de Murilo Rubião chamou atenção da crítica pelo uso de elementos fantásticos. Sua fortuna crítica apresenta múltiplas maneiras de caracterizar seu estilo, assim sendo classificado como “insólito absurdo” (CANDIDO, 1989), ou “insólito banalizado” (CARDOSO, 2007), ou ainda, como Arrigucci Jr. (1987) compreende, há uma espécie de “paralisação da surpresa” presente nas obras murilianas, quando se refere ao insólito que é naturalizado e se torna parte da rotina dos personagens de Murilo Rubião. Arrigucci Jr. (1987, p. 146) complementa: “o mundo muriliano é produto da intenção de um autor que busca a construção harmoniosa dos elementos insólitos no contexto da realidade habitual, mediante a paralisação da surpresa”.

² Conforme descrito na cronologia do autor disponível em: RUBIÃO, M. Obra completa. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 279-283.

³ Ibidem.

No contexto das narrativas de Rubião, não há desarranjo dos personagens em face dos eventos estranhos. Suzana Cánovas, no artigo “O universo fantástico de um mágico burocrata”, discute as condições dos personagens murilianos e afirma o seguinte:

As personagens de Rubião expressam uma cosmovisão profundamente angustiada da realidade que está em consonância com a ideologia do autor. No seu mundo de idas e vindas, de constantes transformações e buscas inúteis, nunca existe uma saída redentora ou um genuíno relacionamento afetivo entre elas (CÁNOVAS, 2003, p. 61).

Através do insólito, o escritor consegue construir críticas ao modelo de sociedade em que vive e representa os sentimentos que o avanço da Modernidade causa no indivíduo. Há uma relação intrínseca entre espaço e sujeito.

Nesse contexto, os eventos absurdos se moldam aos ambientes da narrativa, e o autor consegue representar os sentimentos que atravessam o homem moderno. Em linha com o pensamento de Harvey (2006), “personagens pós-modernas com frequência parecem confusas acerca do mundo em que estão e de como deveriam agir com relação a ele” (HARVEY, 2006, p. 46). Dessa forma, o social e o literário aparecem articulados na escrita de Murilo Rubião, no modo como há presença da solidão, angústias, pessimismo, tédio, conflitos sociais, trabalho alienado, vícios, medo da exclusão, entre outros temas, na sua escrita.

Luiz Lana (2009), em sua tese de mestrado *Os jogos de Murilo Rubião: linguagem, estética do efeito e modernidade*, explica o processo no qual a escrita de Rubião funciona a partir de “uma hipérbole, onde o insólito se manifesta. Assim, como o movimento do texto é hiperbólico, circular, gerando prisão, ele não tem limite determinável, sendo unicamente apoio para a formalização do conteúdo da obra” (LANA, 2009, p. 17). As hipérboles e exageros são visíveis no conto “O ex-mágico da taberna Minhota”, em que o mágico não controla suas mágicas, ou em “Bárbara”, quando a mulher engorda sem parar, e, ainda, no conto “O edifício”, onde há uma obra interminável. Nesse sentido, a ação dos personagens nunca encontra fim, os indivíduos estão destinados a essa rotina de caráter cíclico, indefinido e contínuo.

Outra característica importante de pontuar acerca da escrita muriliana é o processo de reescrita de seus contos, consequência da busca excessiva pela clareza, que fica evidente quando é observado que Murilo Rubião escreveu 8 livros que reúnem 89 contos, dos quais apenas 32 são rigorosamente originais. Muito embora seus textos reescritos não cheguem a mudar o enredo das histórias, apresentam revisões de palavras, frases e trechos completos (LANA, 2009).

As epígrafes bíblicas, retiradas do Antigo Testamento, também estão presentes como elemento comum ao estilo literário de Murilo Rubião. Para Schwartz (1981), em “*A poética do Uroboro*”, as epígrafes funcionam como elemento antecipador da temática do conto, ou seja, funciona como uma prévia da história e adverte o leitor para as tragédias que os personagens irão enfrentar e das quais não podem escapar, conforme no exemplo da epígrafe do conto “Bárbara”, que diz o seguinte: “O homem que se

extraviar do caminho da doutrina terá por morada a assembleia dos gigantes. (Provérbios, XXI, 16)” (RUBIÃO, 2016, p. 22).

A epígrafe que antecipa o conto representa o destino de Bárbara, consequência de seus impulsos consumistas. O corpo da personagem engordava cada vez que tinha seus caprichos de consumo satisfeitos pelo marido, e nunca satisfeita e obcecada acabou exageradamente grande.

As obras de Murilo Rubião são repletas de significado e fazem emergir do próprio cotidiano ordinário os eventos insólitos. Os personagens murilianos, na maioria, apresentam essa desestrutura frente ao progresso da sociedade e suas consequências, primordialmente num contexto urbano. O autor se afasta da tradição de sua época e contrapõe o senso comum com universos que exteriorizam reflexões sobre a natureza humana e as relações conflituosas dos indivíduos com a sociedade moderna.

3.2 A ESTRUTURA NARRATIVA DO CONTO “O EX-MÁGICO DA TABERNA MINHOTA”

O conto “O ex-mágico da taberna Minhota” aborda a trajetória de um homem dotado de poderes mágicos que não se adapta ao convívio com as pessoas e às normas de uma sociedade moderna e racional. Tomado por sentimentos de vazio existenciais, o personagem vê no suicídio a maneira de escapar de sua angústia de viver uma sociedade sem magia. Porém, suas tentativas são falhas, uma vez que sua própria magia o impede. Em dado momento da narrativa, ao escutar de um homem que o trabalho de funcionário público é a maneira de morrer dia após dia, o mágico acredita encontrar a solução para seus problemas. Entretanto, com o trabalho burocrático de um emprego estatal, vivencia uma forma de morte pior do que procurava: morrer diariamente e continuar vivo, além de perder suas capacidades mágicas.

A narrativa se passa em um tempo anterior àquela que o mágico relata, conforme o excerto: “hoje sou funcionário público, e este não é meu desconsolo maior” (RUBIÃO, 2016, p. 15). O leitor é introduzido na história de um homem que volta ao passado para contar como chegou até a sua atual situação. Essa técnica é denominada narrativa *in ultima res*, em que “o discurso narrativo se inicia com a apresentação de um acontecimento que pertence ao desfecho da diegese” (GENETTE, 1979 *apud* FRANCO JR., 2003, p. 33). A partir desse momento, a trama se desenrola para mostrar ao leitor os fatos que desencadearam o conflito da narrativa, ou melhor, o “componente da história [...] que se opõe a outro, criando uma tensão que organiza os fatos da história e prende atenção do leitor” (GANCHO, 2006, p. 11). No conto, o conflito é centrado na recusa e nas tentativas do homem de se libertar de sua essência máxima, a capacidade de fazer mágicas, consequência do meio que o oprime.

E o nó, isto é, o causador do conflito (FRANCO JR., 2003) pode ser classificado como a confluência entre a falta de controle do mágico para com seus dons e a sensação de rejeição por parte da sociedade, que o trata com zombaria e medo, conforme o excerto:

Conforme o crescimento da popularidade a minha vida tornou-se insuportável. Às vezes, sentado em um café, arrancava do bolso pombos, gaiivotas, maritacas. As

peças [...] julgando intencional meu gesto, rompiam em estridentes gargalhadas (RUBIÃO, 2016, p. 17).

Em outro momento, o mágico, “se mexia na gola do paletó, logo aparecia um urubu [...] em outras ocasiões, indo amarrar o cordão do sapato, das minhas calças deslizavam cobras. Mulheres e crianças gritavam. Vinham guardas, ajuntavam-se curiosos, um escândalo” (RUBIÃO, 2016, p. 17). Esses fatores contribuem para o conflito interno do personagem, e em virtude deles o mágico passa a não aceitar sua natureza. O enredo segue as tentativas do mágico de se livrar de sua mágica.

Na narrativa o tempo é psicológico, narrado na forma de *flashbacks* e que “trata do tempo da experiência subjetiva das personagens. Caracteriza, pois, tempo vivencial destas, o modo como elas experimentam sensações e emoções no contato com os fatos objetivos e, também, com suas memórias, fantasias e expectativas” (GENETTE, 1979 *apud* FRANCO JR., 2003, p. 47). Portanto, a memória é o local privilegiado dos acontecimentos. A presença de um narrador autodiegético, ou seja, “aquele que é co-referencial com o protagonista da narrativa, narrando sua própria história” (GENETTE, 1979 *apud* FRANCO JR., 2003, p. 41), favorece esse recurso, pois ele seleciona os momentos vivenciados e narra seu ponto de vista sobre eventuais acontecimentos. Desse modo, o protagonista pode ser considerado um personagem redondo, que é “aquele que apresenta um alto grau de densidade psicológica, ou seja, marca-se pela alinearidade no que se refere à relação entre os atributos que caracterizam o seu ser (sua psicologia) e o seu fazer (suas ações)” (FOSTER, 1974 *apud* FRANCO JR., 2003, p. 39), pois o personagem apresenta profundidade psicológica.

Há uma série de emoções que compõe o corpo do texto e demonstra as reflexões de um indivíduo, suas crises existenciais, sensações e sentimentos a respeito de sua condição, como nos excertos: “Nascera cansado e entediado”; “Minha indiferença pelas palmas da assistência”; “Por que me emocionar, se não me causavam pena aqueles rostos inocentes?”; “Olhava melancólico para o chão e resmungava”; “Situação cruciante”; “Triste e humilde, mencionava minha condição de mágico”; “Um mágico enfasiado do ofício”; “O fracasso da tentativa multiplicou minha frustração” (RUBIÃO, p. 17-18).

As passagens demonstram o tom pessimista do mágico em relação a si mesmo, à sua condição e às pessoas ao seu redor. Todo o conto é estruturado na forma de discurso indireto, exceto a fala dos leões “– Este mundo é tremendamente tedioso –, concluíram” (RUBIÃO, 2016, p. 18), em que travessões e a expressão “concluíram” registra o discurso direto.

O restante dos personagens pode ser classificado como personagens “tipos”. Ou seja, “reconhecido por características típicas, invariáveis, quer sejam elas morais, sociais, econômicas ou de qualquer outra ordem” (GANCHO, 2006, p. 16). O conto de Rubião apresenta o dono do restaurante, o empresário do circo, os donos da companhia, o gerente do circo, a autoridade policial, a datilógrafa, o chefe da seção; esses personagens são definidos a partir de sua função de serviço e apenas isso.

O espaço dos acontecimentos é a área urbana, uma vez que a narrativa se refere a um café, uma delegacia e vias públicas. As relações de trabalho e pessoais permitem associarmos o espaço a um ambiente de conjuntura moderna. O ambiente também pode ser definido como “o que caracteriza situação dramática em determinado espaço, ou seja,

ele é resultado de determinado quadro de relações e ‘jogos de força’ estabelecidos normalmente entre as personagens em determinado espaço na história” (FRANCO JR., 2003, p. 45-46). Na narrativa, o espaço se passa no contexto da modernidade, organizado, sem magia, um mundo “normal”, que possui relevância, pois se choca constantemente com o protagonista. Essa relação que propicia o aumento do conflito e influencia suas atitudes é organizada de tal forma que o mágico se apresenta como um ser misterioso, incompreendido, pois as únicas relações que ele presencia são baseadas em lucro. O personagem escolhe não lutar contra, mas se entrega às forças dominantes desse ambiente, o mesmo que o anula e retira sua subjetividade.

O *climax* da história se dá quando o ex-mágico e agora funcionário público percebe que perdeu suas habilidades mágicas em função de seu trabalho burocrático. Entretanto, a narrativa não apresenta um desfecho concreto. O conto tem esse caráter cíclico e contínuo, de volta ao início do relato sobre as adversidades que o levaram a tal situação, ainda funcionário de um sistema degradante do qual o homem moderno não consegue escapar.

3.3 OS REFLEXOS DA MODERNIDADE LÍQUIDA NO EX-MÁGICO

Considerando-se as discussões em torno do conceito de modernidade líquida, de Zygmunt Bauman (2001) e as concepções de identidades (HALL, 2005), a análise do conto “O ex-mágico da taberna Minhota” investiga os conflitos e dilemas enfrentados pelo protagonista, bem como sua condição existencial enquanto indivíduo inserido no contexto da modernidade.

O conto nos insere na trajetória de um homem desafortunado, o qual relata as desventuras que o trouxeram ao emprego atual de funcionário público. Ao voltar ao passado, o personagem narra que a primeira vez que percebe sua existência foi a partir da percepção de seu reflexo diante do espelho de um restaurante. No local, involuntariamente retira o proprietário do estabelecimento de seu bolso de forma mágica, conforme o fragmento: “Um dia dei com meus cabelos ligeiramente grisalhos, no espelho da Taberna Minhota. A descoberta não me espantou e tampouco me surpreendi ao retirar do bolso o dono do restaurante” (RUBIÃO, 2016, p. 15).

O homem emprega o mágico, pois, como um sujeito já pertencente à sociedade moderna, e que compreende o funcionamento do local, enxerga nos seus atributos mágicos uma maneira de obter clientes e lucro. No entanto, seu plano não sai como previsto:

O homem não gostou da minha prática de oferecer aos espectadores almoços gratuitos, que eu extraía misteriosamente de dentro do paletó. Considerando não ser dos melhores negócios aumentar o número de fregueses sem o conseqüente acréscimo dos lucros, apresentou-me ao empresário do Circo Parque-Andaluz (RUBIÃO, 2016, p. 16).

Nesse sentido, o “melhor” a fazer, na mente do proprietário, seria demiti-lo, pois qualquer obstáculo à produção do lucro teria consequências no seu crescimento individual. A efemeridade com a qual a relação é construída é a mesma que a desconstrói. O mágico cuja única função era fornecer lucros devido a seus dons vende sua força de trabalho, mas, como não o faz de acordo, logo é descartado.

Bauman entende que “a ausência, ou a mera falta de clareza das normas – anomia – é o pior que pode acontecer às pessoas em sua luta para dar conta dos afazeres da vida” (BAUMAN, 2001, p. 23). O mágico salienta que não estava preparado para os sofrimentos que a vida pôde trazer por não ter passado por um “processo de dissabores” (RUBIÃO, 2016, p. 15) e afirma que se tivesse infância e vida adulta estaria ciente de como proceder diante de tais infortúnios, porém foi descartado em função da sua incapacidade.

Essa premissa engloba todas as relações líquido-modernas, em que o outro fica em segundo plano, se estendendo a diversas situações. Entretanto, o referencial aqui está situado na relação de trabalho que pode ser observada na redução do mágico à mercadoria. Os produtos da esfera capitalista de consumo são observados e, caso não correspondam ao esperado e apresentem falhas ou não atendam às expectativas, podem ser substituídos, pois não há razão lógica que determine que alguém continue com algo com qualidade inferior se possuir condições de escolher algo melhor. Essa lógica utilitária pode ser constatada na relação entre o mágico e o dono do restaurante. Relações líquidas são construídas com base no que o outro tem a oferecer. O dono do restaurante buscou atender interesses próprios, seguindo a premissa da individualidade, de modo que não pôde ser tolerante a obstáculos que colocariam em risco a satisfação de seus desejos.

O dono do restaurante o apresentou ao empresário do Circo-Parque Andaluz. A partir disso, as incongruências entre as demandas da vida moderna e o mágico começam a tomar um rumo diferente quando este age diferente em seu novo trabalho, no qual consegue gradualmente identificar e compreender os procedimentos e regras a que deveria obedecer, conforme o fragmento: “Contrariando as previsões pessimistas do meu primeiro patrão, o meu comportamento foi exemplar. As minhas apresentações em público não só empolgaram multidões como deram fabulosos lucros a empresa” (RUBIÃO, 2016, p.16). Então o mágico já apresenta certa adaptação.

A tendência líquido-moderna garante que fixar-se em um padrão não é possível em um mundo de permanentes mudanças. O mágico adapta suas ações ao que os outros esperavam, e não havia espaço para inflexibilidade diante de tais situações. A condição de trabalho o tornava um produto de escolhas externas e a sua liberdade deslizava por suas mãos. E a passividade com que se entrega a essa condição é a forma que o mágico encontra para ser inserido na sociedade, pois o risco de ser descartado, caso não atendesse às demandas, é alto. Sua magia parece não ter lugar no convívio social e ele não consegue dominá-la, como apresentado no excerto:

Às vezes, sentado em algum café, a olhar cismaticamente o povo desfilando na calçada, arrancava dos bolsos pombos, gaivotas, maritacas. As pessoas que se encontravam nas mediações, julgando intencional meu

gesto, caíam na gargalhada. Eu olhava melancólico para o chão e resmungava contra o mundo e os pássaros (RUBIÃO, 2016, p. 17).

Nesse cenário, a sociedade não o reconhece como indivíduo, mas o subverte a favor de suas potencialidades mágicas. E, nesse conflito existencial, perdido em suas incertezas e compelido a fazer escolhas, o personagem se submete a relações autoritárias. A angústia é constante, e a infelicidade do personagem pode ser associada a ausência de passado, da família e de uma história pessoal. Quando o mágico afirma que não poderia odiar as crianças que riem de suas mágicas involuntárias “por ter tudo que eu ambicionei e não tive: um nascimento e um passado” (RUBIÃO, 2016, p. 17), isto demonstra certo sentimento de não familiaridade e vazio de sentido em sua existência. Tal questão aliada à sua subordinação frente aos que o cercam abre espaço para questionamentos acerca da construção de sua identidade.

Como as transformações refletem nos indivíduos, testemunhamos várias formas de fragmentação que os afetam. Na narrativa, o mágico se afasta de quem ele é ou seria e torna-se quem os outros querem para ser aceito. Suas particularidades são abandonadas para que consiga participar do viver em sociedade. O protagonista não é capaz de organizar sua vida em torno de seus próprios parâmetros, autônomos e autênticos. Nesse sentido, o personagem está inserido em uma crise de identidade. Nos seus estudos, Hall (2005, p.1) argumenta que “a chamada ‘crise identitária’ é vista como parte de um processo mais amplo de mudanças que está deslocando as estruturas e os processos culturais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social”.

Sem as orientações da tradição que regulamentavam a modernidade sólida e determinavam os lugares dos indivíduos no mundo, a identidade do mágico pode ser caracterizada como pós-moderna, pois ela apresenta flutuações de acordo com o meio, e varia de acordo com o local e exigências em que o sujeito está inserido.

As projeções sistemáticas do contexto em que o indivíduo está inserido propiciam também uma complexidade de construção autônoma da identidade. No caso do personagem, sua subjetividade não importava, e sua força de trabalho era sua “única” característica para os indivíduos imersos naquela sociedade. Não há espaço para que o mágico encontre um lugar com que se autoidentifique. O mágico cede aos impulsos da sociedade líquida moderna. Diante disso, o sujeito de espírito livre e imprevisível se adapta, de certa forma, às normas e as segue na busca por inserção na sociedade. A fluidez externa atravessa o indivíduo, e a inconstância diz muito sobre um sujeito que se encontra deslocado em função do meio. Sua ancoragem no mundo moderno torna-se uma questão. Ele, então, tomado por um vazio existencial, acredita que as mágicas involuntárias o segregavam dos demais: “Tinha de comparecer à delegacia e ouvir pacientemente da autoridade policial ser proibido soltar serpentes nas vias públicas. Não protestava. Tímido e humilde mencionava minha condição de mágico, reafirmando o propósito de não molestar ninguém” (RUBIÃO, 2016, p. 17), relembra.

Essas ocorrências angustiam cada vez mais o personagem, que conclui que deveria se livrar de seu traço mais natural e característico: sua capacidade de criação. O suicídio, então, surge como solução de seus problemas, pois o sucesso como mágico não

era suficiente para preencher seu vazio: “Urgia encontrar solução para meu desespero. Pensando bem, conclui que somente a morte poria termo ao meu desconsolo” (RUBIÃO, 2016, p.18). Suas tentativas se tornam falhas, pois sua magia o protegia. Ao mutilar suas mãos, elas reapareciam em perfeito estado. Em um momento, o mágico tira do bolso leões para devorá-lo, mas não o fizeram mal algum e se foram: “Na manhã seguinte regressaram e se puseram, acintosos, diante de mim. – O que desejam, estúpidos animais? – gritei, indignado. Sacudiram com tristeza as jубas e imploraram-me que os fizesse desaparecer: – Este mundo é tremendamente tedioso – concluíram” (RUBIÃO, 2016, p. 18).

Diversas foram as tentativas de suicídio, mas todas falharam. Entretanto, certa vez, ouviu alguém reclamar que o emprego de funcionário público provocava uma morte lenta. Logo, em sua última tentativa, o mágico torna-se funcionário público:

Não morri, conforme esperava. Maiores foram as minhas aflições, maior o meu desconsolo. Quando era mágico, pouco lidava com homens. O palco me distanciava deles. Agora, obrigado a constante contato com meus semelhantes, necessitava compreendê-los, disfarçar a náusea que me causavam (RUBIÃO, 2016, p. 19).

O mágico entra em mais um trabalho ultrajante, agora como funcionário público. Localizava-se em um ambiente disciplinado, organizado e objetivo, que não abria margem para expressões subjetivas e extrairia qualquer traço autêntico para o tornar mais um nas engrenagens da máquina burocrática. Naquele lugar, o mágico se encontra à mercê de um racionalismo padronizado.

Se antes o mágico paulatinamente fragmentava sua identidade para caber dentro da sociedade, agora, a relação do mágico com o meio o amadurece. Sua postura nesse ponto da história era totalmente diferente do indivíduo do início do conto. O personagem vivencia novos sentimentos, mesmo que servissem unicamente para sua distração, como a obsessão pela datilógrafa colega de trabalho. Contudo, sua dificuldade em interação ainda era um problema e não permitia que ele se aproximasse, uma vez que durante a história não havia nenhuma aproximação genuína e sem interesses que permitisse construir algum tipo de relação mais sólida.

No contexto da história, década de 1930, ocorreram demissões em massa na empresa. O mágico, preocupado em ficar longe de sua amada, tentava convencer o patrão que estava há dez anos no emprego e procurava nos bolsos algum papel que comprovasse. No entanto, não conseguiu promover tal magia: “Confiara demais na minha capacidade de fazer magia e ela fora anulada pela burocracia” (RUBIÃO, 2016, p. 20).

A burocracia opera de forma opressora e aniquiladora do espírito criativo, consequência da submissão do mágico às condições que regem a estrutura moderna. A solução do personagem foi se entregar ao sistema que o mataria dia após dia. Corrompido pela sociedade e desencantado, o mágico fantasia como seria se não tivesse subvertido seu traço mais especial e natural para adentrar no sistema:

Tenho a impressão de que é uma andorinha a se desvencilhar das minhas mãos. Suspiro alto e fundo. Não me conforta a ilusão. Somente para aumentar meu arrependimento de não ter criado um mundo mágico. Por instante, imagino como seria maravilhoso arrancar do corpo lenços vermelhos, azuis, brancos e verdes. Encher a noite com fogos de artifício. Erguer o rosto para o céu e deixar que pelos meus lábios saiam arco-íris (RUBIÃO, 2016, p. 21).

O mágico é assolado pelo sentimento de arrependimento por não ter criado um mundo mágico, que agora só existe na sua imaginação. É possível observar as vicissitudes presentes na existência do personagem, que transitou de um emprego para outro, sem finalidade concreta. A sensação de não pertencimento e a necessidade de se igualar aos demais para se encaixar revelam a visão do autor acerca dos homens de seu tempo. A construção de um homem dotado de capacidades mágicas em um universo racionalizado que prioriza a técnica e subverte os traços subjetivos faz alusão à própria realidade concreta do leitor. O mágico desencantado em virtude do trabalho burocrático e as próprias configurações de trabalho confrontam a realidade material. O absurdo não é um homem fazer mágica, aqui o absurdo é a própria sociedade estéril na qual os indivíduos se entregam ao sistema que os oprime sem questionarem.

Para Cánovas, a epígrafe do início do conto, “Salmos LXXXV, 1: “Inclina, Senhor, o teu ouvido, e ouve-me; porque eu sou desvalido e pobre” (RUBIÃO, 2016, p.15), antecipa e justifica o sentimento do mágico:

O mágico desencantado é, verdadeiramente, desvalido e pobre. Seria apenas através do encontro com seu eu verdadeiro, propiciado pela arte, que ele poderia sublimar as contingências humanas: o exílio no mundo e o desconhecimento do mistério da vida. Mas ele prefere emperrar sua vida na máquina burocrática e converter-se num fazedor de poema para os seios de uma datilógrafa que o rejeita (CÁNOVAS, 2003, p. 66).

A aniquilação das forças mágicas e a passividade diante das imposições capitalistas demonstram o tom de pessimismo com que Murilo Rubião constrói a atmosfera de seu conto. O autor explora como o absurdo da realidade e suas relações são banalizadas. Em uma realidade em que as leis se assemelham às nossas, há uma transgressão através do insólito. O mágico, de início, um ser errante, inocente e puro, que não poderia explicar sua existência, já na forma adulta, em um mundo regrado, que todos, exceto ele, compreendiam, acreditou que, para ser aceito, deveria ser como os demais e acabou cedendo às forças que o limitaram e o corromperam. Na Modernidade Líquida, ele, e somente ele, foi responsável por seu infortúnio e por seu destino, pois o processo de dominação e subordinação capitalista é baseado no fracasso do homem. O espírito autêntico do mágico foi absorvido para as entranhas que movimentavam a sociedade e o desfiguraram e desvirtuaram de sua condição criativa e criadora. Agora,

só resta o arrependimento e a angústia existencial, não mais por ser mágico e diferente, mas por ser mais um sujeito fragmentado na sociedade.

4 CONCLUSÃO

Com base nas discussões produzidas nesta pesquisa, compreendemos como o projeto iluminista contribuiu para o nascimento da ideia de modernidade, ao romper com as crenças (mitos e religião) para empregar uma racionalidade pautada na ciência e no progresso humano, que resultou no derretimento dos aspectos sólidos que ancoravam a vida em sociedade em padrões seguros. Nesse sentido, as consequências assolaram os indivíduos que, sem perceberem, já estavam reféns das superficialidades dos laços humanos, do consumismo exacerbado, das dúvidas e da urgência que impera nesses novos tempos.

A escrita de Murilo Rubião se dá no contexto dos anos 1940 e apresenta críticas à sociedade da época, provocando questionamentos acerca da configuração absurda da vida moderna, de modo que seus personagens estavam em constante confronto com o meio, os eventos estranhos eram naturalizados e uma inversão da lógica ordinária das coisas para revelar como o próprio cotidiano era absurdo.

Como resultados encontrados na análise do conto “O ex-mágico da taberna Minhota”, foi possível aferir que a narrativa está centrada em um indivíduo desconcertado, pois suas capacidades de magia divergem do ambiente plenamente objetivo e racional. Através das circunstâncias e diante da sensação de impotência, o personagem acaba cedendo ao meio e é corrompido pelo ambiente. Dessa forma, conforme observado na análise, o personagem apresenta características do contexto da modernidade líquida proposto por Bauman (2001), uma vez que apresenta crises quanto à sua identidade, além de ser colocado em um jogo de interesses entre indivíduos que visam apenas ao lucro. Tal espaço líquido-moderno provoca dúvidas em relação à sua existência, pois a magia dificulta o convívio em sociedade. Em busca de uma saída para aquele conflito, o mágico é levado a acreditar no trabalho burocrático, que tampouco o satisfaz. Ao contrário, a burocracia do mundo moderno anula suas capacidades mágicas.

Nesse contexto, o fantástico funciona como ruptura e desperta questionamentos acerca da realidade material. O lugar de Murilo Rubião como precursor do insólito na tradição literária brasileira revela a maneira sensível e profunda do autor observar sua realidade e as relações humanas. Na escrita muriliana, os elementos sobrenaturais inseridos são as máquinas, a burocracia, a sociedade capitalista e as construções, e apresentam caráter universal. O conto “O ex-mágico da taberna Minhota”, publicado em 1947, revela bem a condição humana em tempos de liquidez.

REFERÊNCIAS

ARRIGUCCI JR., D. Minas, assombros e anedotas. *In: Enigma e comentário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CANDIDO, A. A nova narrativa. *In*: CANDIDO, A. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989. p. 199-215.

CÁNOVAS, S. Y. L. M. O universo fantástico de um mágico burocrata. **Revista Ciência e Letras/FAAP**, [S. l.], n. 34, p. 57-68, jul./dez. 2003.

CARDOSO, E. C. Temas, títulos e epígrafes em Murilo Rubião: reflexões e leituras a partir de “Alfredo” e “Os dragões”. *In*: GARCIA, F. (org.). **Murilo Rubião e a narrativa do insólito**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2007. p. 37-45.

FRANCO JR., A. Operadores de leitura da narrativa. *In*: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (Orgs.). **Teoria da Literatura, abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Editora da UEM, 2003. p. 33-56.

GAMA-KHALIL, M. M.; SIMÕES, M. J.; CEZAR, A. C. O pirotécnico Murilo Rubião: apontamentos introdutórios. **Letras & Letras**, [S. l.], v. 34, n. 2, p. 05-12, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/LL63-v34n2a2018-0>.

GANCHO, C. V. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2006.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A; 2005.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 15. ed. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2006.

LANA, L. **Os jogos de Murilo Rubião: linguagem, estética do efeito e modernidade**. 2009. 148 f. Dissertação (Mestrado em Literatura de Língua Portuguesa), Programa de Pós-graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

ROAS, D. La amenaza de lo fantástico. *In*: ROAS, D. (Org.). **Teorías de lo fantástico**. Madrid: Arco/Libros, 2014.

RUBIÃO, M. **Obra completa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SCHWARTZ, J. **Murilo Rubião: a poética do uroboro**. São Paulo: Ática, 1981.